

Gaston Bachelard e o imaginário das cidades: imagens da construção de Brasília

Márcio de Oliveira*

Resumo. Este trabalho parte dos estudos sobre o espaço de Gaston Bachelard e Gilbert Durand, para esboçar os grandes contornos do imaginário do que foi a construção da cidade de Brasília. Trata-se assim de compreender o significado da construção não a partir das circunstâncias históricas mas a partir do significado simbólico das imagens criadas durante o período da construção, ou seja, entre 1956 e 1960. Do conjunto dos agentes produtores de imagens sobre Brasília, nos limitamos àquelas produzidas pelo ex-Presidente Juscelino Kubitschek, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Estas são analisadas tendo como ponto de partida a questão de como o espaço foi concebido e apropriado pela nova cidade.

Palavras-chave. Nova capital, imaginário brasileiro, Brasília, espaço urbano.

Tornou-se corrente dizer que o discurso do ex-Presidente Juscelino Kubitschek¹ que justificou a construção da nova capital do Brasil é fruto da ideologia nacional-desenvolvimentista. É graças a esta ideologia que se acostumou a compreender e situar — e isto até hoje — tanto o referido discurso de JK e de seu governo² quanto as causas que explicam o processo da construção de Brasília e transferência da capital.

* Márcio de Oliveira é Doutor em Sociologia pela Universidade de Paris V e professor do Departamento de Ciências Sociais da UFPR. Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no colóquio internacional *Gaston Bachelard dans le monde, diffusion et lectures*, realizado na cidade de Dijon (França), entre os dias 11 e 14 de março de 1998. Agradeço aqui os encorajadores comentários que me foram feitos, ressaltando contudo que todas as modificações introduzidas são de minha inteira responsabilidade.

¹ A palavra discurso é tomada aqui em seu sentido mais largo, ou seja, como todo texto, fala ou análise produzido por um ator.

² Curiosamente, esta forma de interpretação faz eco a análises de autores da época da construção tais como Roland Corbisier (1960). *Brasília e o desenvolvimento nacional*, Rio de Janeiro: ISEB e Henrique L. C. Castro (1960). *Brasília e o desenvolvimento nacional*, Rio de Janeiro: DASP.

Não obstante, após uma primeira análise do conjunto dos discursos produzidos entre 1956 e 1960, verificamos — é importante sublinhar este ponto — que, como um todo, ele transbordava o quadro da ideologia nacional-desenvolvimentista, ao mesmo tempo em que funcionava como caixa de ressonância das imagens de fundação e de conquista presentes no imaginário brasileiro³ desde os tempos da descoberta do Brasil.

Os fatos históricos que permitiram a hipótese acima podem ser resumidos como se segue. Quando a idéia da transferência da capital foi anunciada, JK divulgou a quatro ventos que não se tratava apenas de erigir uma cidade-capital, mas de lançar as bases de um *Novo Brasil*; de construir uma *nova nação* como se aquela que existia então fosse apenas um arremedo de nação ou, no melhor dos cenários, como se aquela que existia então estivesse longe da nação desejada por tantas e tantas gerações de brasileiros. Numa palavra, os discursos de JK, tomados em seu conjunto, procederam a um chamamento geral no qual se apresentou Brasília como *uma obra nacional*; *uma obra de todos os brasileiros, e sobretudo das gerações vindouras*; onde se anunciou enfim que todos eram bem-vindos à construção não somente da nova capital mas de um *Novo Brasil*. Em resumo, portanto, os discursos do governo apresentaram a imagem de uma cidade sede do poder central e berço da nova nação brasileira. A imagem de uma cidade chamada a anunciar um novo e mítico divisor de águas de nossa história: *antes e depois de Brasília!*

A região (o espaço geográfico) onde a cidade seria construída permitiu, de certo modo, que este tipo de imagem encontrasse lastro no Brasil de então pois ela, a região, pouco existia. Não haviam grandes cidades economicamente importantes (Anápolis e Goiânia sendo as cidades mais próximas); tampouco havia uma forte tradição cultural e a densidade populacional de toda a região — segundo dados do IBGE — era de 0,5 hab/km². Além destes fatos, poucos foram aqueles que se deslocaram do Rio de Janeiro para conhecer o sítio escolhido para a construção da nova capital. O próprio JK, em suas memórias (Kubitschek, 1976), reconheceu desconhecer a região e somente a visitou pela primeira vez quando se convenceu de sua desmesurada ambição: construir e

³ Utilizamos aqui o conceito de imaginário tal como o define Gilbert Durand, ou seja, como conjunto de imagens primordiais criado pela espécie humana. Neste sentido, imaginário brasileiro pode ser considerado um sub-conjunto destas imagens presentes na trajetória da sociedade brasileira. Ver a este respeito, Gilbert Durand (1989). *As estruturas antropológicas do imaginário*, Lisboa: Ed. Perspectiva e Márcio S. B. S. de Oliveira (1993), *Étude sur l'imaginaire brésilien. Le Mythe de la nation et la ville de Brasília*, Tese de doutorado, Universidade de Paris.

inaugurar ali a nova capital do país no curto período de seu mandato presidencial: 5 anos.

A construção de Brasília foi contudo uma obra tão gigantesca para este Brasil agrário do início dos anos 50 — construir uma cidade a mais de mil km dos centros mais desenvolvidos e industrializados do país e numa das regiões menos povoadas de então — que se deve perguntar como esta obra pode ser realizada e, portanto, se não era absolutamente normal ver o ex-presidente JK defendê-la tão fervorosamente. Mas o notável aqui é que se por um lado a região (pouco povoada e bastante desconhecida) e o estágio de desenvolvimento de então eram muito pouco propícios à realização do projeto governamental, em sentido inverso, produziu-se o seguinte efeito: as imagens de conquista, de redenção do Brasil e de fundação de uma nova nação coladas a Brasília acabariam por fazer eco à nova capital, sobretudo porque elas fizeram eco às primordiais imagens de conquista e de fundação presentes no imaginário brasileiro. E isto a um tal ponto que até hoje é difícil separar a construção de Brasília da imagem de uma nova nação.

O período da construção de Brasília apresentou-se então como uma situação perfeita para que se analisasse — eis aqui nossa hipótese — o imaginário brasileiro graças ao estudo das imagens evocadas nos discursos de apresentação e de justificação do projeto mudancista. Estes famosos primeiros discursos de JK, oriundos deste espaço praticamente virgem e despossuído de referência histórica digna de nota, mas curiosamente repletos de imagens de renovação (*nova nação*), de enraizamento histórico e cultural (*cidade situada no centro geográfico do país e junto a suas verdadeiras raízes*) e também de conquista e de progresso (*última fronteira, trampolim da civilização brasileira*), se encontram assim na origem de nosso interesse pela *poética do espaço* e pelo imaginário das cidades. Posta deste modo, nossa questão foi a seguinte: tomando por objeto de estudo um conjunto de discursos (e imagens) emersos de um tempo onde as realidades geográfica e social não foram um freio à imaginação social, não seria lícito esperar assistir aí o despertar de imagens e símbolos adormecidos no imaginário brasileiro?

Tomando como referência teórica os estudos sobre a poética do espaço de Gaston Bachelard e os estudos sobre imaginário de seu discípulo, Gilbert Durand, este artigo pretende esboçar os grandes contornos imaginários daquilo que se convencionou chamar *a epopéia da construção de Brasília* (Vasconcelos, 1989). Trata-se portanto de compreender o significado da construção de Brasília não a partir das circunstâncias sócio-históricas que a condicionaram, mas a partir do significado simbólico dos discursos criados para apresentá-la e legitimá-la no momento mesmo de sua construção, de 1956 a 1960.

No conjunto dos agentes produtores de discursos sobre Brasília⁴, analisamos também, além daqueles presentes no governo JK⁵, aqueles que estão no *Plano Piloto* de Lúcio Costa (Costa, 1991) e no livro *Minha experiência em Brasília* de Oscar Niemeyer (Niemeyer, 1978), respectivamente autor do traçado da cidade e arquiteto responsável pela criação dos principais edifícios públicos de Brasília. Estes discursos serão analisados em torno do tema do espaço, ou seja, da maneira pela qual o espaço foi concebido e criado pela e para a cidade durante o período de sua construção. Contudo, dá-se especial atenção às imagens evocadas nestes discursos. São estas imagens que serão comparadas às imagens de conquista e fundação presentes no imaginário brasileiro.

SÍMBOLOS DO ESPAÇO E DAS CIDADES

Em sua *Poética do Espaço* (Bachelard, 1988), Gaston Bachelard compreende o espaço a partir de certas categorias simbólicas. Em seu dizer, trata-se de realizar uma topofilia. Mas não de todos os espaços: apenas dos espaços felizes, dos espaços que atraem. Numa palavra, dos espaços amados, dos espaços protegidos contra forças adversas.

Graças a esta maneira de conceber os espaços, Bachelard pode partir da *casa* para chegar até as categorias mais gerais do espaço. A *casa* é assim íntima mas universal; imensa mas igualmente cheia de gavetas, ninhos e cantos. Neste sentido, a maneira pela qual nós a construímos e a maneira pela qual nos apropriamos dela é bastante reveladora de nós mesmos, da sociedade em que vivemos. Bachelard parte do pressuposto segundo o qual não existe *casa natural*. A casa é assim — pode-se deduzir — imaginada e em seguida construída. Ou, construída pois imaginada.

O interesse de Bachelard por estes espaços construídos e protegidos foi o ponto de partida para supor que sua análise poderia também ser aplicada às fortificações e às cidades.⁶ De fato, se as primeiras são freqüentemente construídas para proteger e as últimas sobretudo para conquistar, a oposição

⁴ É óbvio que outros agentes sociais produziram também discursos sobre a cidade onde se encontram imagens sobre Brasília. Para uma análise mais detalhada destes outros agentes, ver Márcio S. B. S. de Oliveira (1993), op. cit.

⁵ No âmbito deste artigo, nos limitamos a analisar tão somente as imagens presentes nos discursos feitos pelo próprio JK.

⁶ Devemos fazer menção aqui ao capítulo “Dialética do interior e do exterior” do livro “A poética do espaço”, cuja análise se encaixa com perfeição à cidade, embora Bachelard não faça menção a ela. A respeito da possibilidade de utilizar a poética bachelardiana para análise de textos históricos, ver Márcio de Oliveira, “Raízes epistemológicas da teoria do imaginário em Gilbert Durand”, *Revista de Ciências Humanas*, 5: 123-138.

entre a imagem da proteção (direcionada para o interior) e a imagem da conquista (direcionada para o exterior) encontrou nas cidades (sobretudo do Terceiro Mundo) uma possibilidade de expressão inusitada devido às condições próprias do processo de colonização. Nestas cidades, as imagens de proteção e de conquista são faces de um mesmo universo simbólico face a um mundo ao mesmo tempo luxuriante e amedrontador.⁷ Neste caso específico, estas duas faces de Janus não se excluem, mas antes se complementam, revelando a antinomia (esta espécie de segredo vulgar) própria dos símbolos. Proteção e conquista findam assim por revelar o imaginário sincrético característico das formações sociais do Novo Mundo, manifestado sobretudo nas cidades.

Gilbert Durand (Durand, 1980), por sua vez, nos lembra que não se deve falar em imagens simbólicas como complemento da realidade, mas como elementos reveladores do imaginário. Esta assertiva é propícia à análise do imaginário brasileiro pois os discursos (e imagens) criados em torno da cidade de Brasília apresentaram um peso decisivo no processo de resgate do imaginário da conquista e da fundação. De um certo modo, e isto sobreviveria à inauguração efetiva da nova capital, a *Brasília imaginária* — explosão dos desejos de conquista e de fundação — modulou a Brasília que nascia pouco a pouco por sobre a poeira fina do planalto central, influenciando inclusive hoje sobre as imagens que guardamos do período da construção. Brasília era — e continua sendo — obra de pioneiros, do arroubo de “bandeirantes modernos” — os candangos — da ousadia de um presidente e da fé de um povo no seu grande destino.

Para a época e sobretudo para o sucesso do processo de construção da cidade e de transferência da capital, contudo, as conseqüências do resgate do imaginário brasileiro podem ser assim resumidas: quando facetas do imaginário puderam se materializar nas imagens de conquista e de desbravamento próprias ao processo de transferência e de construção da nova capital, o empreendimento ganhou novas dimensões e seus atores sentiram-se encorajados a prosseguir na obra pois ancorados no sentimento de destino histórico a ser cumprido. Disto resultaram as grandes imagens de Brasília enquanto redenção nacional. Foi portanto o imaginário da conquista e da proteção, entrelaçado ao processo de fundação da nova capital, que permitiu tanto a JK quanto a seus arquitetos situarem seus discursos nos limites do universo simbólico brasileiro, conferindo um sentido não premeditado a Brasília: a construção da cidade passou a ser a fundação da nação. Os anos da construção viram estabelecer-se assim uma relação generativa — e não de oposição como é comum se dizer — entre

⁷ Ver a este respeito, Sérgio B. de Holanda, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Ed. Nacional, 1985, 4ª ed.

discurso e realidade. Foi portanto por sobre o universo simbólico que as análises da realidade sócio-econômica acabaram por inscrever seus sentidos temporais, permitindo que Brasília, de “capricho de um homem”, fosse transformada numa necessidade nacional.⁸ O imaginário brasileiro — as imagens, os mitos e os símbolos que o revelam — deve ser compreendido assim não como a contrapartida da realidade sócio-econômica, mas como seu leito. Insistimos neste delicado ponto: não se trata de oposição entre imaginário e realidade temporal mas sim de expressão do primeiro no último. Em suma, a cidade concreta (resultante de um conjunto de ações sociais) espelhou a dimensão imaginária da sociedade que a criou. É deste processo que fala este trabalho.

É importante afirmar enfim que, situando o ponto de partida desta análise nos discursos (e imagens) da construção, não se deve inferir qualquer primazia ou responsabilidade que seus agentes produtores — tanto o governo JK quanto os arquitetos — teriam sobre o sentido simbólico que eles revelam. A relação lógica que se estabelece aqui não pressupõe inferências causais ou pseudo-dialéticas. Eis porque nos distanciamos das análises sócio-históricas clássicas que pretendem deduzir o produto — no caso os discursos (e imagens) — de vetores — no caso a ideologia nacional-desenvolvimentista — que, em princípio, os precederam.

Os discursos (e imagens) de JK e dos arquitetos, tendo por referência o tema do espaço, são tomados como reveladores de um imaginário e não como seus criadores. De que maneira e em que medida o tema do espaço foi o elemento detonador de sentidos simbólicos imaginários é o que vemos a seguir. Primeiro, com os discursos (e imagens) de JK.

DISCURSOS (E IMAGENS) DE JK SOBRE BRASÍLIA

O sucesso da transferência da capital deve bastante à obstinação deste homem. Muitos são aqueles que testemunham da enorme convicção e força de vontade deste personagem ímpar na história brasileira. A biografia de JK revela uma poderosa vontade de vencer a despeito de tudo e, por vezes, de todos. A título ilustrativo, vejamos alguns exemplos disso. Quando de sua passagem pela prefeitura de Belo Horizonte, JK foi apelidado pela imprensa da época de “prefeito-furacão”, dada a impressionante quantidade de obras empreendidas ao mesmo tempo. Governador de Minas Gerais, seu lema foi “Energia e Transportes”. Quando candidato à presidência, seu slogan de

⁸ A construção física da cidade também se nutre no imaginário brasileiro. Ver a este respeito, nossa tese de doutoramento, sobretudo, o capítulo quarto intitulado “La construction de la ville de Brasília et le mythe de la nation”.

campanha foi “Fazer o Brasil avançar 50 anos em 5!” A transferência da capital do país para a região do planalto central era um dispositivo presente na Constituição do Brasil desde 1891 e nenhum presidente tinha tentado cumpri-lo até JK. O projeto de construir Brasília e transferir a capital no curto período de 5 anos pareceu tão irrealista ao congresso brasileiro que a oposição parlamentar não colocou obstáculo algum à sua aprovação, acreditando que tal obra se transformaria no “túmulos político de JK”. Enfim, ainda garoto na pequena Diamantina, JK descobriu, na biblioteca municipal, a história do faraó Akhenaton que tinha construído a cidade de Athon. Mais tarde, o ex-presidente confessaria a seus colaboradores mais próximos não saber dizer se a imagem daquele faraó lhe havia inspirado a construção de Brasília.

O processo de construção da cidade de Brasília encaixou-se com perfeição nos discursos do ex-presidente sobre o *Novo Brasil*. A ocupação da região associou-se igualmente bem às idéias de progresso e de dominação próprias à sociedade brasileira, desde o século XIX. Fruto do progresso técnico e do desejo de desbravamento e de posse deste imenso planalto central do interior, Brasília foi prontamente saudada como trampolim da civilização brasileira. Por outro lado, a imagem de uma cidade (de uma cidade ideal) bastante presente no imaginário ocidental desde a Grécia antiga⁹ foi igualmente resgatada. Brasília foi pretexto para se anunciar a chegada da “era das civilizações urbanas”.¹⁰

A escolha do sítio da nova capital foi bastante trabalhada nos discursos do ex-presidente. A inexistência de estradas asfaltadas, de ligação ferroviária, de transportes regulares — com exceção das velhas “jardineiras” que levavam 3 semanas na estação da seca, e muito mais que isso na estação das chuvas, para chegar a São Paulo — antes de se revelarem obstáculos, estimularam os discursos de conquista e de fundação de JK. Em outubro de 1956, JK visita a região pela primeira vez, aterrisando na fazenda do Gama, numa pista construída ao lado de onde, pouco mais tarde, seria construído o “Catetinho”.¹¹ Deste primeiro contato com a realidade espacial da região, JK retirou o seguinte comentário:

Do alto, assemelha-se a uma região deserta e solitária. Um descampado infinito com ligeiras ondulações. Sente-se, porém, que reúne todas as condições para sede de uma cidade magnífica, um

⁹ Ver a este respeito, Roger Mucchielli (1960). *Le Mythe de la Cité Idéale*, Paris: PUF.

¹⁰ Roland Corbisier, op. cit.

¹¹ Catetinho — também chamado de Palácio de Tábuas — foi o nome dado a primeira residência presidencial construída para que JK pudesse pernoitar em Brasília.

centro de trabalho pacífico e produtivo. Lá do alto, vendo esta paisagem admirável, durante minhas observações, olhei para as asas do avião e ali vi aquelas duas miniaturas da Bandeira Nacional. Senti que elas representavam um símbolo, o mesmo dos audazes bandeirantes que enfrentando toda sorte de dificuldades, embrenhavam-se pelas selvas na conquista das riquezas do interior brasileiro. (Vasconcelos, 1989)

A imagem de JK como o primeiro “homem branco” a desbravar a região remetia diretamente às primeiras imagens da descoberta do Brasil e foi bastante explorada. O espírito dos pioneiros, dos desbravadores dos sertões, a conquista, nada enfim foi esquecido. Foi igualmente após esta primeira visita que JK cunharia uma das mais fortes imagens sobre a nova capital. Com Brasília, seu objetivo era “fundar uma civilização no coração do Brasil (Vasconcelos, 1979). Na passagem abaixo, percebe-se claramente como as imagens do centro, do coração se encaixam naturalmente no sentido da nova nacionalidade buscada:

Do ponto de vista econômico, Brasília resolverá situações já esgotadas, porque vai criar um novo centro de gravidade, para maior equilíbrio, melhor circulação e mais perfeita comunicação entre o litoral e o interior, entre o Norte e o Sul. Politicamente, Brasília significa a instalação do Governo Federal no coração mesmo da nacionalidade, permitindo aos homens de Estado uma visão mais ampla do Brasil como um todo e a solução dos problemas nacionais com independência, serenidade e paz interior. (Vasconcelos, 1989)

Seis meses após a primeira visita, no mês de abril de 1957, JK concluiu um de seus habituais discursos dizendo que seu governo estava “plantando no interior do país uma centelha divina de progresso”. Os *schèmes* verbais característicos do imaginário heróico e fundador “plantar”, “centelha” e “progresso” foram então fixados, reforçando as imagens de centralidade e de fundação já bastante empregadas.

O paralelo entre a fundação de Brasília e a descoberta do Brasil foi definitivamente estabelecido pela representação — tanto no sentido sociológico quanto no sentido teatral do termo — da primeira missa celebrada no planalto central. A mesma cruz da descoberta e um religioso de origem portuguesa lá estavam. É igualmente digna de nota a presença de índios especialmente convidados para assistir esta primeira missa, resgatando assim o ato que o imaginário brasileiro fixou como sendo o da fundação do Brasil: uma missa em ambiente tropical rodeada de índios! Neste momento, JK discursa dizendo: “Este é o dia do batismo do Brasil novo”. (Silva, 1997)

A maneira pela qual a cidade de Brasília ocupou o “vazio” do planalto está finalmente representada no cronograma de execução das obras da cidade. JK, artífice e publicista, o apresentou nestes termos:

Inicialmente vamos erguer o Núcleo Residencial Pioneiro da fazenda do Gama, com o Palácio do Governo, a casa do Presidente, as instalações do Batalhão de guarda e o aeroporto. Após isso, pelo critério da essencialidade atacaremos a edificação dos prédios públicos, que deverão estar concluídos dentro dos prazos. (Vasconcelos, 1989)

Decidido antes mesmo da escolha do “plano piloto”, este cronograma revelou uma concepção do espaço enquanto plano de possibilidades infinitas destinado à realização do sonho da nova capital. Assim como nos tempos do descobrimento, construiu-se aquilo que o imaginário havia fixado como realidade. Aeroporto, Palácio da Alvorada (residência oficial do chefe do executivo), Batalhão de Guarda e os edifícios dos três poderes constitucionais. Este era o espaço a ser inaugurado, esta era a nação desejada, embora tanto a cidade quanto seu espaço urbano — tão carinhosamente desenhados pelos arquitetos — acabassem por ser submetidos às injunções simbólicas e sociais.

O espaço virgem, adequado elemento revelador do imaginário brasileiro, não foi contudo nem bom engenheiro nem bom planificador. No dia da inauguração pouco, muito pouco estava realmente edificado, tornando difícil — impossível em alguns casos — transformar um conjunto de prédios públicos em uma cidade-capital. Os palácios destinados aos três poderes constitucionais foram instalados, o aeroporto funcionava e as comunicações terrestres e telefônicas rompiam o isolamento natural do planalto, mas ainda era insuficiente o número de funcionários públicos federais, necessários ao bom funcionamento da máquina administrativa. Uma parte destes, inclusive, não havia conseguido ocupar suas moradias. As condições de habitação eram tão precárias que, no dia seguinte ao da inauguração, um dos mais importantes jornais da época anunciava em sua primeira página: “Brasília é um pandemônio”.¹² Foi assim que, nos dias que sucederam a inauguração, se formou espontaneamente uma tendência de retorno à antiga capital e um grupo de 19 Senadores da República chegou mesmo a esboçar uma reação contra a nova capital, reabrindo o antigo Senado na cidade do Rio de Janeiro.

As imagens da fundação foram celebradas durante a inauguração, a nação foi recriada, a capital foi transferida, mas tudo isto havia sido realizado

¹² *Jornal do Brasil*, edição do dia 22/04/60, p. 5.

no espaço do imaginário brasileiro. Construindo a nova capital JK pretendeu concluir uma época, inaugurando uma nova. Ele havia iniciado seu governo afirmando que o Brasil ainda não havia se tornado uma nação por inteiro para apresentá-la construída, concluída. Demonstrando aguda compreensão histórica, JK sempre havia afirmado que a trajetória da nação brasileira a havia empurrado para o interior, em direção à conquista do verdadeiro Brasil, daquele Brasil esquecido pelos modismos costeiros; em direção a um Brasil mais puro; numa palavra, em direção a Brasília. Era o espaço permitindo que não somente fosse erigida uma cidade, mas que a própria história do país fosse reescrita a partir dos símbolos do novo, da centralidade e da fundação presentes no imaginário brasileiro desde os tempos do descobrimento.

DISCURSOS (E IMAGENS) DOS ARQUITETOS SOBRE BRASÍLIA

Os trabalhos de Lúcio Costa e de Niemeyer se integraram tão perfeitamente às imagens e discursos de JK que se poderia pensar que tudo não passou de uma obra orquestrada pela mesma pessoa. Por que e como isto foi possível?

No Brasil, a única arquitetura realmente tradicional, neste começo dos anos 50, era a arquitetura colonial. Ao lado desta tradição, existia, é claro, uma certa trajetória de construção de cidades que, sem muito alarde, vinha cavando seu caminho por entre necessidades regionais e desejos de colonização de novas fronteiras. Foi assim, por exemplo, que, no final do século XIX, o então governo de Minas Gerais decidiu transferir a capital de seu estado, de Ouro Preto para uma nova cidade a ser construída, Belo Horizonte. Próxima do exemplo de Belo Horizonte está a cidade de Goiânia, dotada de um traçado moderno¹³, e fundada igualmente pelo poder público, com o objetivo de se tornar a nova capital do estado de Goiás.¹⁴

Sem pretender desenvolver aqui toda uma análise sobre a estreita ligação entre Le Corbusier e a arquitetura moderna de nossas cidades e/ou seus discípulos mais famosos¹⁵ — Costa e Niemeyer — não seria difícil compreender

¹³ Sobre a relação entre a ocupação do espaço e a fundação de cidades no Brasil, ver especialmente Luis A. Espejo (1984). Tese de Doutorado de Estado, Universidade de Lille et C. Queiroz (1991). *Paisagem poderosa e préexistência*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.

¹⁴ É possível estabelecer este mesmo paralelo com a cidade de Londrina, no Paraná, embora não se trate de uma capital, menos ainda de uma cidade fundada pelo poder público.

¹⁵ Sobre a relação de Le Corbusier e a arquitetura brasileira, ver especialmente Margareth C. da S. Pereira et alli (1987).

o interesse mútuo do mestre suíço pelo Brasil e dos arquitetos brasileiros por suas concepções modernas, quando nos lembramos da seguinte relação: enquanto Le Corbusier havia elaborado uma certa concepção da vida urbana como modelo para a vida social, a arquitetura brasileira findaria por acreditar que na cidade nova poderiam ser lançadas as bases da nova sociedade. Brasília foi, sem dúvida, a expressão perfeita desta relação.

LÚCIO COSTA

O “inventor de Brasília” — como Costa costuma se auto-intitular — é sem dúvida um dos mais fiéis representantes da escola da arquitetura moderna no Brasil. *Seu plano piloto* é uma prova viva desta fidelidade.

Pode-se dizer com certa razão que o autoritarismo das linhas do plano piloto de Lúcio Costa é o grande responsável pela permanência de Brasília. Ocorre contudo que o caráter autoritário esconde por vezes o caráter fundador que revestiu a concepção do projeto. De fato, se o autoritarismo da concepção seria uma condição *sine qua non* do concurso público que definiria o melhor projeto, o caráter fundador e cívico não o eram. Contudo, são estes que acabam se impondo àquele:

A liberação do acesso ao concurso reduziu de certo modo a consulta àquilo que de fato importa, ou seja, à concepção urbanística propriamente dita, porque esta não será, no caso, uma decorrência do planejamento regional, mas a causa dele: a sua fundação é que dará ensejo ao ulterior desenvolvimento planejado da região. Trata-se de um ato deliberado de posse, de um gesto de sentido ainda desbravador, nos moldes da tradição colonial. (Costa, 1991)

Fundação, ato de posse, gesto desbravador, causa do planejamento regional: eis aí uma série de expressões que, sem sombra de dúvida, remetem ao mesmo universo simbólico, ao mesmo imaginário de conquista que encontramos presente nos discursos de JK. A apropriação do espaço, considerado terra virgem e inexplorada, pode ser encontrada ainda no momento em que Lúcio Costa explica como nasceu Brasília: “Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz”. (Costa, 1991)

De quem “assinala um lugar”, o “próprio sinal da cruz”. Uma vez mais a cruz, da primeira missa, da missa no planalto, da fundação. O espaço e a região só foram levados em conta quando Costa decidiu inclinar os dois braços da cruz para adaptar seu projeto ao relevo local, afim de facilitar o escoamento das águas em direção ao lago artificial que seria construído. E esta se tornaria a única referência tanto ao espaço quanto à região!

Em relação à cidade, ela não deveria ser apenas *urbs* mas também *civitas*, “possuidora de todos os atributos inerentes a uma capital”. O lugar reservado à nova nação kubitschekiana estava no centro das preocupações. No coração da cidade, a Praça dos Três Poderes dava o tom: uma nação moderna e democrática.¹⁶ Como para JK, o papel de capital da nação superaria em muito o papel de cidade.

Já quanto à sociedade que ali se formaria, é espantoso verificar que o urbanista também havia previsto sua criação:

(...) gradação social poderá ser dosada facilmente atribuindo-se maior valor a determinadas quadras como, por exemplo, às quadras singelas contíguas ao setor das embaixadas (Costa, 1991).

E, encerrando este capítulo social, pouco mais a frente, Costa afirma que o “(...) agrupamento delas, de quatro em quatro, propicia um certo grau de coexistência social, evitando-se assim uma indevida e indesejável estratificação” (Costa, 1991). O desejo de fundação de um novo tipo de sociabilidade — onde se evitaria a estratificação em prol da coexistência social — *pari passu* a nova cidade é de uma singeleza e de uma candura que seriam piegas se não fossem simplesmente repletas de imaginário brasileiro.

O texto de Costa apresenta ainda passagens onde se pode notar o entrelaçamento de um certo romantismo bucólico com um desejo de real intervenção no espaço social a partir do espaço urbano. O percurso que deveriam fazer os ônibus ao deixar a nova capital¹⁷ ou os postes a meia-luz para favorecer o colóquio íntimo revelam a delicadeza de espírito e a preocupação com o novo cidadão que viveria em Brasília, traços característicos de Costa. Este era o homem a quem foi confiada a tarefa de conceber o traçado de uma nova nação e para quem o espaço talvez não tenha sido mais que o celeiro de seus sonhos.

OSCAR NIEMEYER

A arquitetura de Brasília é mundialmente conhecida e reconhecida. Este fato se deve em grande parte ao gênio de Niemeyer. Aos desejos de JK e ao plano de Costa, Niemeyer emprestou formas absolutamente originais através de seus palácios flutuantes e sensuais.

¹⁶ Lúcio Costa afirma mesmo que “Se a Praça dos Três Poderes corresponde em termos de espaço e pela intenção a Versailles, existe aí uma outra majestade, é o povo, é a Versailles do povo”. Lúcio Costa, *Sobre a arquitetura*, Porto Alegre: Centro dos Estudantes de Arquitetura, 1952, p. 341.

¹⁷ Lúcio Costa, *Plano...*, op. cit., p. 24. Costa utiliza aqui a expressão: “*despedida* psicologicamente desejável” (grifo do autor).

Mas a plasticidade da arquitetura de Brasília foi, por um lado, fruto do papel desempenhado pelo concreto. Maleável e sensual porém sólido e prático, o concreto entregou-se a todos os desejos e a todas as loucuras. Feito para durar, com ele destruíram-se e construíram-se tradições. Ergueram-se palácios do nada.

Este material tornou-se assim uma espécie de tela gigante sobre a qual a imaginação de Niemeyer logrou transformar os “espaços vazios” em obras de arte. Sem o concreto, nada de espaço, nada de cidade. Ele deu vida aos desejos do político — quando por exemplo JK pedira a Niemeyer um palácio para “durar cem anos”. Ele realizou o que o texto queria dizer, materializou a cidade e, sobretudo, ornou com maestria o imaginário da fundação. Ainda hoje Brasília é considerada por todos uma obra de grande beleza.

Por outro lado, menção deve ser feita aos sentimentos cívicos e sociais deste notório comunista, para quem Brasília deveria ser o começo de uma nova era social. Seus relatos, publicados no livro *Minha experiência em Brasília*, atestam o firme desejo de ver coexistirem como irmãos, nesta nova cidade, o homem do povo e a elite:

Eu via assim estas terras cultivadas, cobertas de uma vegetação fechada e eu imaginava o camponês enfim liberado da exploração contra a qual ele se debatia, retirando sua felicidade de uma terra generosa e de uma vida mais justa para todos.¹⁸

Ao desejo de fundação da nova nação kubitschekiana, Niemeyer acoplou seu desejo de fundação de um nova sociedade, onde viveria um homem novo. A memória de Niemeyer é realmente seletiva. De todas as recordações que ele pode e poderia ter guardado, que belo espaço (uma vez mais “ele”) foi reservado à realidade social e ao homem novo que faria justiça ao imenso reservatório semântico que o imaginário brasileiro banhou com a construção de Brasília.

A GUISA DE CONCLUSÃO

Nosso objetivo aqui foi tão somente emoldurar com elementos do imaginário brasileiro o quadro simbólico dentro do qual se deu a construção de Brasília. Graças a certas imagens empregadas por JK, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, durante os anos de 1956-60, quisemos esboçar os contornos externos do imaginário.

Claro está que o escopo deste trabalho nos convidou apenas a sobrevoar alguns dos possíveis significados simbólicos que podem ser relacionados às

¹⁸ Oscar Niemeyer, op. cit., p. 136. A tradução é de nossa responsabilidade.

imagens verbais em torno da construção de Brasília. Uma outra pista de investigação é o estudo das imagens fotográficas e cinematográficas produzidas ao longo da construção. Um estudo deste tipo de imagem permitirá, no futuro, uma verificação comparativa com nossos próprios resultados.

Seja como for, não podemos nos subtrair à tarefa de extrair algumas conclusões do estudo realizado.

Chamamos a atenção primeiro para o denominador poético e intrinsecamente fundador que parece unir o universo simbólico dos discursos de JK ao texto de Costa e aos sentimentos de Niemeyer. Paralelo a isto, deve-se ressaltar ainda o caráter generoso e imodesto que revestiu a construção de Brasília. De fato, quem falou Brasília, viu grande! Nova era, nova civilização, novo Brasil, cidade nova... O espaço, esta imensidão do planalto central do Brasil, foi artífice e cúmplice das muitas proezas, das tantas promessas. Virgem e desindustrializada, a região do planalto criou obstáculos gigantescos à transferência da capital. Mas, ao mesmo tempo, autorizou e embelezou os vãos imaginários mais fecundos e mais reveladores.

As dificuldades técnicas, econômicas, políticas e sociais foram, curiosamente, co-responsáveis pelo turbilhão imaginário que se pode verificar em torno de Brasília. A transferência da capital é ainda hoje um dos momentos mais propícios ao estudo do trajeto antropológico da sociedade brasileira pois nela pode se manifestar todo o desejo do novo, do moderno e do nacional acalentado por setores intelectuais, artísticos e das elites desde meados do século XIX.

ABSTRACT

This article intends to introduce the general lines of the Brazilian imaginary from the theoretical point of view produced by Gaston Bachelard and Gilbert Durand. The case of this study is the images of the period of Brasília's construction (the new capital of Brazil), 1956-1960, produced by ex-President Juscelino Kubitschek and the architects Lúcio Costa and Oscar Niemeyer. All of these images are analysed around the theme of the creation and appropriation of the urban area in the new capital.

RÉSUMÉ

Ce travail entend partir des études sur l'espace de Gaston Bachelard et de Gilbert Durand, pour essayer d'esquisser les grands contours imaginaires de ce qui fût l'épopée de la construction de la ville de Brasília. Il s'agit donc de comprendre

le signifié de la construction de la ville non pas à partir des circonstances socio-historiques, mais à partir du signifié symbolique des images employées lors de la construction de la ville de Brasília, c'est-à-dire, pendant les années 1956-1960. De l'ensemble des agents producteurs des images sur Brasília, ce travail se borne à analyser les discours de l'ex-président Juscelino Kubitschek et des deux architectes de la ville: Lúcio Costa et Oscar Niemeyer. Ces discours sont analysés autour du thème de l'espace, c'est-à-dire, de la façon dont l'espace fut conçu et pris en possession par la nouvelle ville.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bachelard, Gaston (1988) *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- Benevides, Maria V. (1976) *O governo Kubitschek: desenvolvimento e estabilidade política, 1956-61*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Bruand, Yves (1971) *L'architecture contemporaine au Brésil*. Tese de Doutorado de Estado, Universidade de Lille.
- Castro, Henrique L. C. (1960) *Brasília e o desenvolvimento nacional*. Rio de Janeiro: Dasp.
- Corbisier, Roland (1960) *Brasília e o desenvolvimento nacional*. Rio de Janeiro, Iseb.
- Costa, Lúcio (1991) *Plano Piloto de Brasília*. Brasília: GDF.
- _____. *Sobre a arquitetura* (1952). Porto Alegre: Centro dos Estudantes de Arquitetura.
- Durand, Gilbert (1989) *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Ed. Perspectiva.
- _____. (1980) *Science de l'homme et tradition*. Paris: Berg International.
- Espejo, Luis A. (1984) *Rationalité et formes d'occupation de l'espace*. Paris: Anthropos.
- Holanda, Sérgio B. de (1985) *Visão do Paraíso*. São Paulo: Ed. Nacional, 4ª ed.
- Kubitschek, Juscelino (1976) *Meu caminho para Brasília*. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 3 vols.
- Mucchiellii, Roger (1960) *Le Mythe de la Cité Idéale*. Paris: PUF.
- Niemeyer, Oscar (1978) *Mon expérience à Brasília*. Paris: Ed. Alhabète.
- Oliveira, Márcio de (1996) "Raízes epistemológicas da teoria do imaginário em Gilbert Durand". *Revista de Ciências Humanas*, nº 5: 123-138.
- Oliveira, Márcio S. B. S. de (1993) *Étude sur l'imaginaire brésilien. Le Mythe de la nation et la ville de Brasília*. Tese de Doutorado, Universidade de Paris V.
- Paviani, Aldo (1988) *Brasília, a utopia em crise*. Brasília: EdUnB.

- Pereira, Margareth C. da S. et alli (1987) *Le Corbusier e o Brasil*. São Paulo: Tessela/Projeto Hunter Douglas.
- Queiroz, Cláudio, (1991) *Paisagem poderosa e préexistência*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.
- Skidmore, Thomas (1967) *Politics in Brazil, 1930-64. An experiment in Democracy*. New York, Oxford Press University.
- Silva, Ernesto (1997) *História de Brasília*. Brasília: Linha Gráfica Editora.
- Souza, Nair H. B. (1983) *Os construtores de Brasília: estudo de operários e sua participação política*. Petrópolis, Vozes.
- Toledo, Caio N. de (1982) *Iseb, fábrica de ideologias*. São Paulo: Ática.
- Vasconcelos, Adirson (1989) *A epopéia da construção de Brasília*. Brasília: Ed. do Autor.
- _____ (1979) *A primeira viagem*. Brasília: Ed do Autor.
- Jornal do Brasil, edição do dia 22/04/60.